

**Intersecções entre Gênero e Trabalho na Literatura de Chinua Achebe e
Chimamanda Ngozi Adichie**
**Intersections between Gender and Labor in Achebe Chinua's and Chimamanda
Ngozi Adichie's Literature**

Hellyana Rocha e Silva¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Elegendo como objetos de estudo os romances *Things Fall Apart* (1958), de Chinua Achebe, e *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, busca-se observar de que forma os conceitos de gênero, identidade, diáspora e pós-colonialismo figuram nos textos literários, a partir das reflexões críticas de Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Frantz Fanon, entre outros. Sob tais aspectos, este texto tem como objetivo analisar a representação da figura feminina frente às relações de trabalho, levando em consideração a diferença entre as vozes literárias de ambos os escritores nigerianos. Por meio da análise dos contextos histórico e literário que circundam e entrelaçam estas narrativas, constatou-se que as relações de gênero influenciam na designação e participação do trabalho feminino nos clãs Igbo em *Things Fall Apart*, principalmente no que se refere aos tratos sociais díspares de poder entre homens e mulheres, decorrentes dos valores culturais locais e que, mais tarde, devido à colonização, sofrerão mudanças. Já em *Americanah*, as relações de trabalho situam-se no contexto pós-colonial e trazem a personagem feminina para uma conjuntura diaspórica, visto que sua identidade sofre modificações devido à imigração para os Estados Unidos e o consequente preconceito racial e desigualdade de gênero.

Palavras-Chave: Gênero; trabalho; pós-colonialismo; literatura Nigeriana.

Abstract: Electing as objects of study the novels *Things Fall Apart* (1958), by Chinua Achebe, and *Americanah* (2013), by Chimamanda Ngozi Adichie, the aim of this paper is to observe how concepts of gender, identity, diaspora and postcolonialism figure in literary texts, from the critical reflections of Gayatri Spivak, Homi Bhabha and Frantz Fanon, among others. Under these aspects, this paper aims to analyze the representation of the female figure concerning labor relations, taking into account the difference between the literary voices of both Nigerian writers. Through the analysis of the historical and literary contexts which surround and interweave these stories, it has been found that gender relations influence the designation and participation of female labor in the Igbo clans in *Things Fall Apart*, especially with regard to disparate social treatment of power between men and women, which will suffer changes due to local cultural values, and later, because of colonization. On the other hand, in *Americanah* labor relations are set in a post-colonial context and they bring to the female character a diasporic context, since the female identity changes as a result of the protagonist's immigration to the United States and the consequent racial prejudice and gender inequality.

Keywords: Gender; Labor; Postcolonialism; Nigerian Literature.

Submetido em 16 de junho de 2016.

Aprovado em 10 de setembro de 2016.

¹ Possui especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Tocantins (2016), graduação em Letras: Português e respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Tocantins (2013), cursa Mestrado em Letras Literatura pela mesma universidade. Tem experiência na área de letras, com ênfase em literatura de autoria feminina e estudos feministas e de gênero.

Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções [...] começam a ficar visíveis. (Linda Hutcheon)

Considerações Iniciais

Os estudos feministas e de gênero unidos aos estudos pós-coloniais buscam intersecções entre a realidade histórica em que se dá a produção literária dos países que vivenciaram os efeitos da colonização, tomando como viés de análise a representação da participação feminina. Assim, verifica-se a necessidade de produções que se preocupam com os caminhos possíveis entre literatura e história, e que buscam reescrever o passado não mais através das lentes do colonizador, mas a partir do olhar do colonizado. Nesse contexto de desconstrução, alguns escritores africanos trazem ao cenário literário obras que buscam reescrever o discurso ocidental acerca da história e cultura africanas. Entre eles, destacam-se aqui dois escritores nigerianos que assumiram o papel de abordar em sua literatura o ponto de vista nigeriano: Chinua Achebe e Chimamanda Ngozi Adichie.

Albert Chinualumogu Achebe nasceu em Ogidi (1930), cidade Igbo no estado de Anambra – Nigéria – e é um dos escritores nigerianos mais importantes e respeitados. Em sua trajetória literária (que vai dos anos 1950 até 2013), Achebe escreveu aproximadamente 30 livros, entre os gêneros romance, conto, poesia e ensaio, grande parte de sua obra procura retratar os efeitos da colonização sobre a cultura e a civilização africanas, e, também, críticas ao sistema político da Nigéria. A relevância do discurso de Achebe se dá em grande parte por ter vivenciado cerca de 30 anos do domínio colonial britânico e por ter atuado de forma diplomática durante os conflitos políticos e sociais vivenciados pelo povo Igbo no final da década de 1960, a exemplo da guerra do Biafra. Chinua Achebe retrata, em sua literatura, momentos categóricos da história nigeriana, vertida de uma linguagem forte e contundente, e por isso sua obra é considerada um impulso de caráter determinante para a atividade literária na Nigéria. Já Chimamanda Ngozi Adichie, nascida em Enugu (1977), cidade situada ao sudeste da Nigéria e que também faz parte da cultura tradicional Igbo. Adichie escreve nos gêneros poema, conto, teatro e romance e, pela escrita desse último gênero, venceu o prêmio *Orange Prize*, além de ser considerada uma das escritoras contemporâneas de maior destaque. As obras de Ngozi Adichie apresentam relevância no que diz respeito às

questões de gênero, etnia, política e identidade cultural, sendo esta não menos engajada com as questões sociais da Nigéria do que Achebe.

Elegendo como objetos de estudo os romances *Things Fall Apart* (1958), de Chinua Achebe, e *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, busca-se observar de que forma os conceitos de gênero, identidade, diáspora e pós-colonialismo são figurados nos textos literários, a partir das reflexões críticas de Joan Scott (1995), Judith Butler (2015) Gayatri Spivak (2010), Homi Bhabha (1998), e Frantz Fanon (2008). Sob tais aspectos, este texto tem como objetivo analisar a representação da figura feminina frente às relações de trabalho, levando em consideração a diferença entre as vozes literárias de ambos os escritores nigerianos. Assim, intenta-se mostrar de que forma Achebe e Ngozi Adichie abordam a relação entre mulher e trabalho, mas, especialmente, como as designações do trabalho mudam de acordo com a instauração da colônia e, posteriormente, da pós-colônia. Pergunta-se, então, como se dá a divisão do trabalho desenvolvido por homens e mulheres nas obras supracitadas; de que forma os escritores retratam, na caracterização das personagens femininas, as transformações ocorridas na Nigéria; como ocorre a desconstrução acerca do discurso ocidental e a reconstrução do discurso centrado no ponto de vista africano.

A razão pela qual se objetiva estudar os romances aqui apresentados, justifica-se no fato de que essas obras transplantam períodos cruciais (pré-colonial e pós-colonial) da história Nigeriana, por meio dos aspectos que compõem as especificidades da etnia Igbo. Nessas obras, história e literatura se cruzam, mesmo que em períodos distintos, pois ambos os escritores narram o material local da Nigéria e as transformações decorrentes da colonização, descrevendo estações importantes e primordiais da história e cultura nigerianas antes e depois do período colonial. Além do mais, *Things Fall Apart* e *Americanah* são obras que representam, respectivamente, a importância do discurso literário de Chinua Achebe e Chimamanda Ngozi Adichie pelo fato de serem nigerianos e regerem um olhar aguçado à realidade de sua nação, além, é claro, do trato representativo para com as personagens femininas, visto que as obras ressaltam e revelam as transformações as quais passaram as mulheres durante os períodos em questão.

É necessário compreender que os dois autores, mesmo narrando histórias nigerianas, possuem vozes com alguns aspectos dissonantes na representação das personagens femininas, a diferença se dá, além de serem de sexos distintos, devido ao

fato de representarem períodos distintos da história nigeriana, mas que são cruciais para a representação das personagens. Chinua Achebe publicou *Things Fall Apart* em 1958, período que antecede a independência da Nigéria e sua narrativa situa o enredo nos períodos que antecedem a colonização, bem como os anos iniciais da colonização por parte dos ingleses. Chimamanda Ngozi Adichie situa o enredo de *Americanah* no contexto pós-colonial, iniciando nos anos 1990, quando a Nigéria enfrenta um regime militar bastante duro.

Este texto é, pois, organizado de modo a relacionar estudos de gênero e estudos pós-coloniais, por meio da reflexão entre representação feminina e trabalho, tendo como eixo norteador os contextos históricos dos dois romances. Para tanto, esse trabalho divide-se em três partes: a primeira lida com as conceituações teóricas acerca da herança colonial, pós-colonialismo e a perspectiva da crítica feminista em território africano. A segunda parte propõe uma análise da relação entre mulher e trabalho na tradição cultural da etnia Igbo nos períodos colonial e pré-colonial, representada em *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe. A terceira e última parte discute as mudanças no contexto cultural Nigeriano, registradas no período pós-colonial, que foram responsáveis por transformações identitárias das personagens femininas e que suscitaram em uma nova conjuntura trabalhista para as mulheres.

1. Intersecções entre Pós-Colonialismo e Feminismo

A criação literária relaciona-se constantemente com a história, isto é, a literatura obtém respaldo dos construtos históricos enquanto criação e vice-versa. Para Dalcastagnè (2002, p. 33), “quando entendemos a literatura como uma forma de representação, ou seja, um espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecroçam, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde”. Nesse entrecruzamento, os processos coloniais foram intimamente representados na literatura e esta, na grande maioria dos textos, concebe o ponto de vista do “descobridor”, renegando os colonizados a meros estereótipos. Surgem, então, movimentos que buscam novas vozes e novos lugares de fala. Para tanto, o escritor representa a fala de vários outros e, nesse aspecto, os estudos literários mostram interesse em dar acesso à voz e até mesmo em discutir os silenciamentos de grupos sociais.

Nas últimas décadas, várias nações, a exemplo dos países africanos, experimentaram a colonização e, a partir dela, puderam sentir a degradação de sua cultura. Os processos coloniais podem ser descritos como formas de dominação territorial, econômica e, principalmente, cultural, pois subjuga os colonizados à cultura belicamente superior a daqueles que chegam para conquistar. Em vista disso, durante o período colonial, muitas nações foram submetidas às ideologias do pensamento europeu dominante, e sua literatura considerada sem valor diante da conjecturada superioridade da cultura ocidental. Assim, conforme Bonnici (1998, p. 7), “o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil a padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista.” Por conseguinte, anos após a independência dessas nações, questiona-se a possibilidade de tais países estarem realmente livres das degradações e manipulações coloniais, ou se possuem uma estética própria.

Nesse sentido, os estudos pós-coloniais surgem como alternativa contra a dominação ideológica que, durante o processo colonial, estabeleceu modelos de inferioridade nas ex-colônias. Entende-se, portanto, que o pós-colonialismo é mais do que um movimento de valorização dos povos africanos, por exemplo, e de suas respectivas culturas. Desse modo, sua pretensão é, a partir de um ponto de vista antes ignorado, questionar o discurso ocidental e produzir textos que objetivam descrever as mudanças decorrentes desse processo, bem como as influências sofridas pelas culturas locais, ao mesmo tempo em que problematiza os padrões ideológicos do dominador. Segundo Thomas Bonnici:

A crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado. Esta abordagem envolve: um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização [...]. (1998, p. 9-10)

Para tanto, é necessário nos questionar a fim de que a real preocupação desses estudos gire em torno da criação de um contexto favorável àqueles que foram/são oprimidos, e para que haja um recobrimento da história e das vozes silenciadas.

As conceituações sobre o lugar da mulher nas mais diversas sociedades, e no decorrer da história, revelam contextos culturais e principalmente discursos que constroem os sujeitos femininos como secundários e inferiores em relação ao sexo

masculino. Destacando que a colonização culminou na criação do conceito de “Outro”, por meio do qual os colonizados são sempre subalternizados e marginalizados, pode-se considerar que a mulher africana, assim como sua nação, sofreu violações que a aprisionaram entre paredes sociais e estereótipos. Isto posto, o olhar que se tem sobre as mulheres, em muitas obras literárias, respalda-se na inferiorização, silenciamento e violência.

De certa forma, esses estudos assemelham-se às iniciais discussões a respeito da literatura escrita por mulheres, visto que as primeiras contestações da crítica feminista diziam respeito ao silenciamento sofrido pelas escritoras e representação de personagens estereotipadas a partir de modelos patriarcais, buscando a afirmação e o empoderamento da voz autoral feminina.

Entretanto, ao discutir as questões de gênero em contexto africano, Resende (2013, p.24) apresenta como principal desafio a dificuldade de relacionar parâmetros teóricos ocidentais, a exemplo das questões de gênero, à conjuntura africana. Isso se dá porque conceitos como o de gênero podem ser dissonantes a ponto de ganharem particularidades.

Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica* (1995) propõe-se a discutir os usos descritivos do termo “gênero” a partir de um viés desconstrucionista, chamando atenção para as novas perspectivas acerca desse termo. Conforme Scott,

no seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O “gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. (SCOTT, 1995, p. 3)

Destarte, entende-se que homens e mulheres só podiam ser compreendidos por meio da reciprocidade, o que jamais aconteceria dentro de um estudo inteiramente separado. No entanto, essa perspectiva mudou, com o passar dos anos, e as novas pesquisadoras feministas “assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente.” (1995, p. 3)

A autora acrescenta ainda que o gênero passaria a significar não só uma palavra, mas uma categoria de análise. Assim, esta análise visaria o estudo não apenas de mulheres, mas também das representações de masculinidade/feminilidade dentro das ações políticas, pois as relações de gênero, mesmo que não sejam o único campo de articulação do poder, representam instâncias com as quais o poder se articula. Desse modo, os conceitos de gênero relacionam e estruturam a organização social, influenciando as construções e legitimações de poder. Ainda segundo a autora,

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica. (1995, p. 18)

É necessário, portanto, ultrapassar a dualidade homem/mulher e perceber que a mudança compreende uma ruptura da ordem social e política. Para tanto, tais transformações estruturais dentro de uma sociedade tendem a reescrever o conteúdo de desigualdade ou oferecer possibilidades igualitárias nas relações de gênero. Gênero torna-se, então, uma forma de conhecimento e exercício de poder, ao mesmo ponto que organiza as relações sociais e as diferenças sexuais, sendo uma categoria analítica e não descritiva.

Em *Problemas de gênero* (2015, 21), Judith Butler nos proporciona uma reflexão mais apurada acerca do feminismo e das mulheres como “sujeito” desse movimento. Para a autora, o fato de haver uma base universal para o feminismo é uma presunção política, visto que em diferentes culturas a opressão das mulheres possui formas singulares; porém a própria autora sugere que a solução para essa dificuldade na análise representacional é ainda a própria representação.

O ponto de partida crítico é o presente histórico, como definiu Marx. E a tarefa é justamente formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam. (2015, p. 24)

Butler assinala, ainda, que o “gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem resultado casual do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. (2015, p. 26) Logo, o gênero, como significado cultural, não decorre das relações estabelecidas pelo sexo; não constituindo uma

identidade estável, o gênero seria um lugar de constante construção do qual se originariam inúmeras ações performáticas.

Evidentemente, as questões de gênero em solo africano, mais especificamente na Nigéria, possuem particularidades como, por exemplo, o fato de que “gênero se refere não só ao dado biológico que funda um sistema cultural de representação e comportamento como também ao papel social ativo desempenhado pelo indivíduo.” (AMADIUME, 1998 apud RESENDE, 2013, p. 25).

Segundo Bill Ashcroft et al (2002, p. 31 apud RESENDE, 2013, p. 23) “as perspectivas feministas são de grande importância na crítica pós-colonial e nas estratégias do feminismo recente e da recente teoria pós-colonial. Elas se justapõem e informam-se mutuamente”. Dessa forma, os estudos feministas e de gênero permitem repensar as mais diversas representações do sujeito feminino na literatura e na história, além de abrir caminhos para a reconstrução imagética. Assim, no mesmo caminho pelo qual anda a teoria feminista, os estudos pós-coloniais também procuram reconstruir o lugar de fala daqueles que tiveram sua história reinventada a partir da ótica ocidental. Haja vista que ambos os movimentos interpelam-se, pois têm como objeto um “outro” – entendido aqui como um sujeito plural – que se encontra fora das hierarquias que detêm e produzem conhecimento. Consequentemente, a esse outro é renegado o poder. A base constitutiva dessa opressão é, nos dois casos, o modelo patriarcal – entendido como uma organização de dominação social – agravado, tendo em vista que são mulheres africanas, pelas desigualdades de gênero e preconceitos de raça.

2. Mulher, Gênero e Trabalho nas Literaturas de Chinua Achebe e Chimamanda Ngozi Adichie

Émile Durkheim, ao discutir a divisão do trabalho, volta seu olhar para o vínculo social do trabalho, subscrevendo essa divisão como necessária, pois, segundo o sociólogo francês, as sociedades “podem manter-se em equilíbrio só graças à especialização das tarefas; que a divisão do trabalho é a fonte, senão única, pelo menos principal da solidariedade social.” (1978, p. 31) Conforme Durkheim, é a divisão sexual do trabalho que se torna a fonte da solidariedade conjugal. Desse modo, a distribuição de papéis distintos aos indivíduos acaba por manter um equilíbrio que se estende sobre todas as funções orgânicas e sociais, por meio da distribuição de papéis distintos aos indivíduos.

Por outro lado, para entender o lugar da mulher nas relações de trabalho dentro das narrativas é necessário compreender, primeiramente, que no íntimo da diferenciação das funções exercidas por homens e mulheres há um processo coercitivo e sexista, mas que é visto como um desígnio próprio da tradição vivida na sociedade e que é tido como um processo de organização social e, até mesmo, está relacionado ao caráter de complementariedade das relações de trabalho. É claro que a divisão social do trabalho tornaria-se um mecanismo coercitivo, o que segundo Durkheim é característico do fato social, como vemos na seguinte citação:

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais. (1999, p. 13)

Em contrapartida ao viés durkheimiano, que via na divisão sexual do trabalho uma maneira harmônica e complementar para que homens e mulheres mantivessem a coesão social, os estudos feministas e de gênero veem nessa divisão relações de poder baseadas na dominação e na subordinação, em que falta harmonia. Nesse sentido, Durkheim ignora as desigualdades entre os sexos que se formam nessa busca por “coesão” social, além de relacionar a divisão sexual do trabalho à evolução das sociedades e as diferenças na biologia dos corpos masculino e feminino.

Por outro viés, os estudos de gênero eliminam a possibilidade de que a diferença biológica entre os corpos seja suficiente para representar a desvantagem das mulheres em relação aos homens. Até porque a marcação e delimitação sexual dos espaços acontece por meio de construções sócio-históricas. Para Cornwall (2005, p. 5) é preciso ir além de tais suposições sobre as mulheres, a fim de explorar as múltiplas identidades sociais, enxergando-as como mães, como irmãs, como líderes, como produtoras, e , também, como parte da tão visível dominação masculina.

Para Helena Hirata (2002, p.12), a divisão sexual do trabalho acontece nas linhas da divisão social do trabalho e nela está contida, de maneira forte, a dimensão opressão/dominação, acompanhada de hierarquias que se desenvolvem nas relações sexuadas de poder. E que, desse modo, devem se vistas como indissociáveis das relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, pois são relações baseadas na opressão e exploração entre duas categorias de sexo socialmente construídas.

2.1. Contexto pré-colonial e colonial: A mulher e o seu lugar nas relações de trabalho em *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe

Things fall apart (1958) narra a história de Okonkwo um guerreiro da etnia igbo² que vê a desintegração de sua cultura a partir da chegada de estrangeiros. Esta obra é considerada uma das mais importantes da literatura nigeriana, visto que revela parte primordial da tradição cultural do povo Igbo antes e durante o período colonial, trazendo, assim, representação dos elementos simbólicos dessa tradição, bem como os traços identitários e, principalmente, a forma como se estabelecem as relações de gênero e a divisão do trabalho nesse contexto. Mesmo trazendo o guerreiro Okonkwo como personagem principal, o olhar volta-se para a forma como as mulheres são representadas dentro do enredo.

O espaço da narrativa traz como centro o clã Igbo da fictícia Umuófia e, por fim, a desintegração desse espaço e dos valores que eram representativos para esse povo, com a chegada dos ingleses. É na configuração do espaço social que fica evidente os tratos díspares entre homens e mulheres, principalmente no que se refere à divisão sexual do trabalho e que, conseqüentemente, serve como base para as honrarias, prestígio e importância dentro do clã.

A prosperidade de Okonkwo era visível em seu lar. Possuía um amplo compound, com várias habitações rodeadas por um grosso muro de terra vermelha. Sua própria casa, ou obi, erguia-se imediatamente atrás da única porta existente no muro vermelho. Cada uma de suas três esposas tinha uma morada própria e o seu conjunto formava uma espécie de meia-lua por trás do obi. O celeiro fora construído de encontro a uma das extremidades do muro vermelho, e altas pilhas de inhame erguiam-se dentro dele, com ar próspero. (ACHEBE, 2009, p. 18-19)

Para entender o lugar da mulher nas relações de trabalho dentro da narrativa, é necessário compreender, primeiramente, que no íntimo da diferenciação das funções exercidas por homens e mulheres há um processo coercitivo e sexista. Contudo, esse processo coercitivo é visto como um desígnio próprio da tradição vivida no clã e que é tido como um processo de organização social relacionado ao caráter de complementariedade das relações de trabalho.

No entanto, é crucial notar que mesmo antes do processo colonial, a configuração do trabalho na narrativa era estabelecida sobre moldes patriarcais. A

² O povo Igbo representa um dos maiores grupos étnicos da África e habitam o leste, sul e sudeste da Nigéria, além de Camarões e da Guiné Equatorial.

cultura Igbo determinava os principais papéis que homens e mulheres deveriam exercer dentro dos clãs. Aos homens eram designadas as virtudes a partir das honras no trabalho e nas guerras, sendo braço forte e provedor do lar: a construção do compound e da casa masculina, o labor no preparo das roças de inhame, abastecimento dos celeiros, como pode ser notado no trecho abaixo:

Após a Semana da Paz, todos os homens e suas famílias começaram a limpar o mato para preparar as novas roças. O mato cortado era posto a secar e, depois, ateavam-lhe fogo. À medida que a fumaça subia para o céu, gaviões surgiam de diversas direções e pairavam sobre o campo incendiado, num adeus silencioso. A estação das chuvas se aproximava e, com ela, eles partiriam, para só regressar quando a seca voltasse. (ACHEBE, 2009, p. 30)

O trabalho dirigido às mulheres é apresentado como designações inferiores e que jamais poderiam ser exercidas por homens. No romance, isso é evidenciado por meio do discurso de Okonkwo, já que, para ele, a um homem representativo da aldeia só caberiam tarefas que trouxessem orgulho e virilidade, o que no decorrer da vida acaba conferindo títulos. Desse modo, ele procura ser um trabalhador bem sucedido devido ao medo de ser um “agbala”, ou seja: “agbala não era apenas outra palavra para mulher, mas também significava homem que nunca recebera título algum.” (ACHEBE, 2009, p. 18) E nos clãs igbos os títulos representavam a fortuna e o prestígio daqueles bem sucedidos com seu trabalho.

Dentro do enredo, às mulheres, crianças e adolescentes, seres que não necessitavam de prestígio social, eram conferidas tarefas domésticas em comum. E além da manutenção do lar e dos cuidados com a alimentação, as mulheres tinham uma participação na plantação e colheita de grande parte dos mantimentos utilizados na alimentação como, por exemplo, milho, aipim, entre outros. Ainda era designado ao trabalho feminino a busca por lenha nas florestas e o cuidado com a criação dos filhos:

Em todos os lugares disponíveis tinham sido montadas trempes para se cozinhar; juntavam-se três blocos de barro seco ao sol e acendia-se o fogo no meio. Panelas subiam e desciam das trempes e o foo-foo era amassado em centenas de pilões de madeira. Algumas mulheres cozinhavam inhame e aipim e outras preparavam sopa de legumes. Os rapazes amassavam o foo-foo ou rachavam lenha para o fogo. As crianças faziam infundáveis viagens ao córrego.. (ACHEBE, 2009, p. 80)

No contexto de Umuófia, o inhame representa o alimento de maior importância. Por isso, a preparação da terra e seu cultivo é exclusivamente destinado aos homens,

visto que lhes confere o poder econômico e prestígio dentro do clã. O trato feminino com o inhame era feito cerceado ao lar, dentro da cozinha, também em algumas ocasiões especiais, como o festival do inhame, ou na preparação e limpeza do solo, porém de maneira secundária e sem a experiência do cultivo do qual os homens eram detentores.

A exclusão e limitação do trabalho feminino aos afazeres do lar, educação dos filhos e cultivo pesado de alimentos secundários ou preparação do solo, não era um desígnio que tinha como tese a fragilidade da mulher igbo. Pelo contrário, o tratamento subalternizado e moldado pelo patriarcalismo advém dos costumes culturais da tradição dos clãs que consideravam a mulher um sujeito inferior dentro do núcleo familiar e até mesmo social: “Todos nós sabemos que o homem é o cabeça da família e que suas mulheres lhe devem obediência. Os filhos pertencem ao pai, e não à mãe ou à família dela. O lugar de um homem é na terra natal de seu pai, e não na de sua mãe”. (ACHEBE, p. 91)

O enredo de Achebe mostra a imagem subalternizada que a mulher possuía dentro dos clãs. E era comum, além do trabalho secundário conferido à violência verbal e ao trato inferiorizado, a violência física:

E então explodiu a tormenta. Okonkwo, que estivera andando de um lado para outro dentro do compound, sem ter nada que fazer, tentando controlar a raiva, de repente encontrou um pretexto para desencadeá-la. — Quem matou esta bananeira? — perguntou. Fez-se imediatamente silêncio no compound. — Quem matou esta árvore? Ou será que vocês todos são surdos e mudos? Na realidade, a bananeira ainda estava mais do que viva. Simplesmente, a segunda mulher de Okonkwo havia cortado algumas folhas para embrulhar certos alimentos. E isso foi o que ela disse a Okonkwo. Ele, sem mais discussão, deu-lhe uma boa surra e deixou-as, a ela e à sua única filha, chorando. Nenhuma das outras esposas ousou interferir. Limitaram-se a ocasionais “Basta, Okonkwo!”, ditos com medo e em tom suplicante, ambas mantendo uma distância razoável. (ACHEBE, 2009, p. 33)

Bonnici (1998, p. 14), chama atenção para o fato de que no enredo “o personagem Okonkwo é castigado não porque bateu em sua esposa, mas por ter batido nela numa semana considerada sagrada.” Percebe-se, então, que a opressão se fazia presente. Fica evidente, portanto, que a divisão do trabalho não se dá apenas como modo de estabelecer equilíbrio social, mas fica claro que possui um caráter sexuado, que abre capacidades e características distintas para cada sexo. O que legitima essa divisão como um processo de dominação masculina.

Em *Things Fall Apart*, a identidade é explicitada como implicação de um processo cultural, processo este em que a mulher, enquanto participante nas relações de trabalho, possui papel secundário e subalternizado. Assim, sua identidade passa a ser concebida como um fator negativo para ela mesma e para quem toma atitudes femininas.

2.2. Contexto pós-colonial: mulher, diáspora e trabalho em *Americanah*, de Chimamanda Adichie

Americanah (2013) possui um espaço narrativo fragmentado. O enredo não linear, característico de literaturas pós-coloniais, que faz com que o texto apresente uma pluralidade de formas, percorre a Nigéria, os Estados Unidos e a Inglaterra para narrar a trajetória de *Ifemelu* – a americanah – mas que pode representar também a vida de muitas nigerianas que vivem destinos iguais ao dela.

A literatura de Chimamanda traz uma grande compreensão para as relações entre pós-colonialismo e feminismo. Segundo Bonnici, há entre os dois movimentos uma estreita relação, pois, “em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo / feminismo e metrópole / colônia ou colonizador / colonizado.” (1998, p. 13). Assim, esta obra contribui tanto para se repensar as assimetrias do sujeito feminino, diante das questões raciais e de gênero, quanto para investigar a condição da mulher nas sociedades pós, ou seja, perceber, a partir desses dois olhares, a condição da mulher frente às relações de trabalho, considerando as problemáticas de classe e raça, apoiados pela visão falocêntrica, patriarcal e imperial. Ainda conforme Bonnici (2006), essa atitude vai contra o eurocentrismo, que fortalece a permanência do patriarcalismo, especialmente diante de comunidades híbridas e diaspóricas atuais.

A relação entre mulher e trabalho neste enredo se dá de forma diferente da retratada no romance de em Chinua Achebe. Neste contexto, a Nigéria é uma ex-colônia que nos anos 1990 passa por tempos obscuros sob um regime militar, o que acaba levando Ifemelu, estudante universitária, a mudar-se para os Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que consegue ingressar em uma universidade americana, a personagem passa por inúmeras dificuldades financeiras, mas pela primeira vez ela se depara com questões raciais que marcam e mudam sua vida.

As agruras enfrentadas por Ifemelu são complicadas, sobretudo, por sua condição de imigrante, mulher e negra: “Eu sou de um país onde raça não é um

problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos.” (ADICHIE, 2014, p. 315) Durante todo o enredo a personagem problematiza as diferenças entre os Estados Unidos e a Nigéria, principalmente no que diz respeito às questões raciais e sociais, pois mesmo tendo uma situação mais favorável que outras mulheres africanas, já que havia cursado geologia em uma universidade na Nigéria, não ficou livre de preconceito nos Estados Unidos.

Essa diferenciação entre as realidades se mostra discrepante, principalmente porque Ifemelu fazia entrevistas para inúmeras vagas de trabalho que todo imigrante teria a chance de conseguir (garçonete, hostess, bartender e caixa), e que, inclusive, vê sendo ocupadas por seus amigos. No entanto, as ofertas de emprego nunca chegavam para ela:

“Toda vez que Ifemelu ia a uma entrevista de emprego ou ligava para algum lugar para falar de uma vaga, dizia a si mesma que aquele, finalmente, seria seu dia: dessa vez o emprego de garçonete, hostess ou babá seria o seu, mas ao mesmo instante em que desejava sorte, sentia uma sombra cada vez maior num canto de sua mente. [...] Ifemelu escreveu e reescreveu seu currículo, inventou que já trabalhara de garçonete em Lagos, colocou Ginika como uma empregadora de cujos filhos já tinha cuidado [...] dava sorrisos calorosos e apertos de mão firmes, tudo o que era sugerido no livro que lera sobre como fazer entrevistas de emprego nos Estados Unidos. Mas não surgia nem um emprego.” (ADICHIE, 2014, p. 159)

Ifemelu, mesmo possuindo uma formação média e sendo universitária, não consegue uma vaga em empregos que não exigem formação. É perceptível que sua imagem é vista, em alguns momentos, de forma erotizada. Ao ir a uma entrevista para a vaga de um posto de gasolina, é surpreendida pela proposta: “Você veio por causa da vaga de vendedora? Pode trabalhar para mim de outro jeito.” (ADICHIE, 2014, p. 159) Mantendo esse mesmo olhar malicioso, o homem afirma que a vaga já fora preenchida. Sentindo-se culpada, Ifemelu se questiona sobre quais erros teria cometido, mas não há respostas claras. É importante perceber que esta não foi a primeira proposta feita com segundas intenções. Um professor de tênis já lhe havia sido oferecida uma vaga como “massagista”, a qual, devido à péssima condição financeira, Ifemelu acaba aceitando, de forma desesperada, para em seguida entrar em depressão.

O primeiro emprego de Ifemelu é como babá para uma norte-americana que possui uma instituição de caridade. É nesse emprego que a personagem inicia o namoro com Curt, um jovem branco sobrinho de sua patroa, que a ajuda a conseguir um

emprego que lhe dará o *green card*. Para conseguir passar na entrevista, é sugerido a Ifemelu que tire as tranças e alise o cabelo, tirando, desse modo, a marca que a prende a sua origem, a sua imagem de mulher negra.

A discussão sobre a inferioridade imagética da mulher negra dentro da narrativa é importante, pois assim Chimamanda põe em questão os elementos que formam as identidades consideradas hegemônicas e que ainda são impostas às mulheres das ex-colônias. Liga-se a esse fato, a discussão acerca do poder de fala dos subalternos de Gayatri Spivak – em *Pode o subalterno falar?* - quando afirma que “a questão da ‘mulher’ parece ser mais problemática [...] Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (2010, p. 85) Isto é, pela questão social, racial e de gênero, assim, se ao subalterno cabe a representação pela voz de outrem, a mulher subalterna encontra-se em situação/posição muito mais periférica. Nesse sentido, tendo em mente toda história colonial, “o sujeito subalterno feminino está mais ainda profundamente na obscuridade.” (Spivak, 2010, p. 15)

Por mais que vivenciasse a opressão e a dominação de culturas consideradas hegemônicas, Ifemelu cria uma forma de resistência quando passa a não falar mais o inglês com sotaque norteamericano: “decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano [...] numa semana após a mudança, Ifemelu se sentira pisando nas nuvens, coberta de bem-estar.” (ADICHIE, 2014, p. 328) Para Jean-Paul Sartre, a língua falada pelo colonizado tem grande importância, já que “Diante da esperteza do colonizador, [os escritores da Négritude] respondem com uma esperteza inversa e parecida: já que o opressor está presente até na língua que eles falam, [...]” (2001. Apud PEREIRA, 2012, p. 20) Assim, mesmo que fale em algum momento a língua do colonizador, isso deve ser feito com a pretensão de destruí-la, quebrá-la, rompendo com associações costumeiras que determinam sua importância diante da língua do colonizado. Ao questionar tais identidades, Chimamanda forja uma nova que se torna oposta ao que foi imposto pelo dominador. Desse forma,

Ao escrever sobre sua cultura, o colonizado criará elementos necessários e indispensáveis a fim de afirmar a cultura nacional, possibilitando que a cultura africana seja reconhecida enquanto um conjunto sistematizado e autossuficiente, capaz de ser reconhecido como igual perante outras nações. (FANON, 1994 apud RESENDE, 2013, p)

A força da voz de Ifemelu é, com o passar dos anos, recompensada. E com os textos que escreve em seu blog sobre racismo, ela consegue enfim ter uma carreira de sucesso.

O blog havia se mostrado para o mundo e perdido os dentes de leite; [...] Chegaram e-mails de leitores que queriam apoiar o blog. [...] Apareceram créditos, muito pequenos e um tão grande que, quando ela viu, soltou um som desconhecido, uma mistura de suspiro e grito. Ele começou a aparecer todo mês uma contribuição anônima, tão regular quanto um salário, [...].(ADICHIE, 2014, p. 328)

Essa mudança de perspectiva, que retira a mulher dessa posição de inferioridade, faz parte de umas das características das literaturas pós-coloniais, a de que “o autor da literatura pós-colonial deve dedicar-se à produção de estereótipos negativos do colonizador e de imagens autênticas do colonizado (JANMOHAMMED, 1988 apud BONNICI, 1998, p. 15)

Essa ideia pode ser notada no texto, quando, mesmo possuindo uma carreira estável nos Estados Unidos e já tendo se adaptado às condições de vida enquanto mulher negra e imigrante, Ifemelu sente-se deslocada, como se nunca fosse pertencer a esse lugar, e resolve, repentinamente, voltar a Nigéria. Todavia, ao chegar a sua nação de origem, ela já não se percebe mais como participante daquela cultura, e também não vê motivos para voltar aos EUA. Ifemelu possui agora uma identidade deslocada. Tudo na Nigéria dava a sensação de estranhamento a Ifemelu: o sol, a língua, as pessoas, o barulho, a comida. Isso pode ser explicado por meio do conceito de hibridismo, proposto por Bhabha, na medida em que faz parte da construção da identidade forjada na diáspora: “e ela percebeu a superioridade em sua voz, na voz deles todos. Eram santificados, os que tinham voltado, aqueles que haviam chegado com uma camada de brilho extra.” (ADICHIE, 2014, p. 438)

Sobre essa questão, Homi Bhabha (1986) enxerga uma “sombra amarrada”, pois a alteridade que serve para reconstruir essas histórias ainda não contadas nasce da união entre ambos, já que o colonizado se reconstrói a partir do colonizador, sendo assim, “Não é o Eu colonizador nem o Outro colonizado, mas o espaço perturbador entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do branco inscrito no corpo do negro” (BHABHA, 1986, p. 45). Nessa perspectiva, a constituição de identidades evidencia que a existência do branco forma o negro, tanto quanto a existência do negro forma o branco, instaurando-se, assim, o hibridismo no bojo da identidade.

Considerações Finais

Como se averiguou, as relações entre mulher e trabalho nas duas narrativas representam, até certo ponto, um lugar de inferioridade e subalternidade, principalmente se comparado a/o lugar dos sujeitos masculinos pertencentes a mesma cultura ou a mesma condição de imigrantes. As desigualdades exercidas sobre a mulher africana, tanto em solo nigeriano, quanto em solo americano, são propiciadas pelos modelos patriarcais perpetuados pelas culturas e pela condição colonial anterior, que deixou uma forte herança de silenciamento e exclusão.

Em *Things Fall Apart*, é evidente o silenciamento e a falta de prestígio das mulheres enquanto trabalhadoras, mesmo contribuindo de maneira árdua para os clãs, a elas não cabe poder de fala nas reuniões, nem nas decisões que são tomadas. Por mais que a história da tradição igbo procure mostrar que o sujeito feminino é visto de forma empreendedora, nessas sociedades a mulher comum não escapava à opressão. Assim, o espaço feminino é sempre ligado, na obra de Achebe, aos tratos domésticos e de menor importância se comparados ao homem, configurando a subalternidade feminina.

Apesar da representação feminina ser como subalterna em boa parte da narrativa, *Americanah*, enquanto narrativa pós-colonial, segue um caminho que visa a reescrever a história da mulher nigeriana. A subalternidade é mostrada como uma realidade vivenciada, mas que pode ser desconstruída.

Trazendo a voz de Spivak para o contexto, constata-se que entre o patriarcado e o imperialismo há a construção e a formação do sujeito feminino como objeto silenciado, numa figuração deslocada que representa a mulher do terceiro mundo. Em Chinua Achebe, a Mulher subalterna segue sem poder de voz e, na sua condição de inferioridade não poderá falar. Em contrapartida, a literatura de Chimamanda Adichie representa a árdua tarefa de recuperar a alteridade do sujeito subalterno feminino a partir da conquista do poder de fala e, principalmente, do seu lugar nas relações de trabalho.

Para concluir, percebe-se que é por meio da reescrita da história nigeriana na literatura pós-colonial, entendida como um modo de conhecimento e subversão dos valores impostos pelo ocidente, que os vários elementos da cultura africana se unem, resgatando uma identidade abafada pelo colonialismo e formando uma nova identidade

e tradição cultural – no âmbito do espaço e da língua – que são constituídas pelo hibridismo.

Referências

ACHEBE, CHINUA. *O mundo se despedaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, CHIMAMANDA NGOZI. *Americanah*. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AMADIUME, Ifi. *Male daughters, female husbands: gender and sex in African Society*. London and New Jersey: Zed Books, 1998

ASHCROFT, Bill et al. *The empire writes back*. London: New Accents, 2002.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Rate Gonçalves. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. _____. 1986

BONNICI, T. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

_____. *Pós-colonialismo e representação feminina na literatura póscolonial em inglês*. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Judith Butler; tradução, Reanto Aguiar. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

CORNWALL, Andrea (Org.). *Readings in Gender in Africa*. Bloomington, James Currey: Indiana University Press, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, nº 20. Brasília, julho/Agosto de 2002, pp. 33-87.

DURKHEIM, E. *A divisão do trabalho social*. São Paulo: Nova Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

_____. *As regras do método sociológico*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. On National Culture. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Orgs.). *Colonial Discourse and postcolonial theory: a reader*. New York: Columbia University Press, 1994, p. 36-5

HIRATA, H. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo editorial, 2002.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JANMOHAMMED, A . *The Economy of Manichean Allegory: The Function of Racial Difference in Colonial Literature*. *Critical Inquiry*, v. 12, n. 1, p. 59-87, 1988

PEREIRA, Fernanda Alencar. *Literatura e política : a representação das elites pós-coloniais africanas em Chinua Achebe e Pepetela = Littérature et politique : la représentation des élites postcoloniales africaines dans l'œuvre de Chinua Achebe et Pepetela / Fernanda Alencar Pereira*. – 2012.

RESENDE, Roberta M. *Gênero E Nação Na Ficção De Chimamanda Ngozi Adichie*. UFSJ: Agosto de 2013.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

SPIVAK, GAYATRY. *Pode o subalterno falar?/* tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.